

PHILIP ROTH

Zuckerman acorrentado

3 romances e 1 epílogo

Tradução

Alexandre Hubner



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1979, 1981, 1983, 1985 by Philip Roth

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, LLC, Nova York.

1ª edição brasileira de *O escritor fantasma*: publicado como *Diário de uma ilusão*, Francisco Alves, 1980

1ª edição brasileira de *Lição de anatomia*: publicado pela L&PM, 1984

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Zuckerman bound [inclui: The ghost writer, Zuckerman unbound, The anatomy lesson, The Prague orgy]

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Leny Cordeiro

Revisão

Márcia Moura

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip, 1933-

Zuckerman acorrentado : 3 romances e 1 epílogo / Philip Roth ; tradução Alexandre Hubner. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Zuckerman bound : The ghost writer , Zuckerman unbound , The anatomy lesson , The Prague orgy.

ISBN 978-85-359-1923-3

1. Romane norte-americano I. Título.

11-07365

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

7	O escritor fantasma
131	Zuckerman libertado
287	Lição de anatomia
491	A orgia de Praga
549	Sobre o autor

O ESCRITOR FANTASMA

I. Maestro

Faltava uma hora para escurecer naquela tarde de dezembro de mais de vinte anos atrás — eu tinha vinte e três anos, estava escrevendo e publicando meus primeiros contos e, à maneira de muitos protagonistas de *Bildungsroman* antes de mim, já sonhava com o meu próprio e monumental *Bildungsroman* — quando cheguei ao recanto onde me encontraria com o grande homem. A casa de madeira, sede de uma fazenda, ficava no fim de uma estrada de terra, trezentos e cinquenta metros morro acima nas Berkshires e, apesar disso, o homem que saiu do escritório para me cumprimentar cerimoniosamente envergava um terno de gabardina, uma gravata de crochê azul, fixada na camisa branca com um prendedor de prata liso, e sapatos pretos tão bem escovados e sacerdotais que me fizeram pensar que ele acabara de descer de uma cadeira de engraxate, e não do excelso altar da arte. Antes que eu conseguisse controlar suficientemente os nervos para notar o ângulo imperioso, autocrático em que ele mantinha o queixo, ou o cuidado régio, meticuloso e um tanto afetado com que ajeitara as roupas ao curvar o corpo para sentar-se — antes, enfim, que fosse capaz de notar qualquer coisa além do fato de que, a despeito de minhas origens iletradas, eu havia chegado até ali, até aquele homem —, o pensamento que me veio à cabeça foi que E. I. Lonoff lembrava antes o

superintendente escolar local do que o escritor mais original da região desde Melville e Hawthorne.

Não que as coisas que eu tinha ouvido a respeito dele em Nova York houvessem me preparado para algo mais grandioso. Pouco tempo antes, ao mencionar seu nome diante dos jurados da primeira festa com figurões do mercado editorial a que eu comparecia em Manhattan — e à qual chegara, deslumbrado feito uma atriz iniciante, conduzido pelo braço por um velho editor —, Lonoff fora sem muita delonga desdenhado pelos espíritos sofisticados ali presentes, como se fosse cômico que um judeu da geração dele, que ainda por cima imigrara quando criança, tivesse se casado com a herdeira de uma família tradicional da Nova Inglaterra e vivido aqueles anos todos “no campo” — vale dizer, na região erma e góia, repleta de árvores e passarinhos, onde a América começou e tinha, fazia muito tempo, acabado. Mas, como todos os outros nomes famosos a que me referi durante a festa também parecessem ligeiramente hilários para os que sabiam das coisas, eu permanecera cético acerca da descrição satírica que haviam me feito do famoso recluso rural. A bem da verdade, pelo que vi na festa, comecei a entender por que se esconder nas montanhas, a trezentos e cinquenta metros de altitude, tendo somente as árvores e os passarinhos por perto talvez não fosse má ideia para um escritor — ele sendo ou não judeu.

A sala de estar para onde fui levado era arrumada, aconchegante e despojada: um grande tapete circular feito à mão, algumas poltronas cobertas com capas, um sofá velho, uma vasta parede de livros, um piano, uma vitrola, uma escrivaninha de carvalho, sobre a qual repousavam pilhas caprichosamente organizadas de jornais e revistas. Acima dos rodapés brancos, as paredes amarelo-claras eram desprovidas de enfeites, exceto por meia dúzia de aquarelas amadoras, retratando a velha casa de fazenda em diferentes estações do ano. Mais além dos assentos de janela almofadados e das cortinas de algodão desbotadas, atadas com esmero de ambos os lados, eu avistava através das vidraças a galharia desfolhada de bordos altos e escuros e os campos cobertos pela neve. Pureza. Serenidade. Simplicidade. Isolamento. Tudo o que a pessoa tinha de concentração e esplendor e originalidade reservados para aquela vocação árdua, elevada, transcendente. Olhei em volta e pensei: É assim que eu vou viver.

Depois de me indicar uma das poltronas ao lado da lareira, Lonoff retirou o guarda-fogo e verificou se o registro da chaminé estava aberto. Acendeu com um palito de fósforo os gravetos que aparentemente haviam sido deixados de

antemão ali para o nosso encontro. Recolocou então o guarda-fogo no lugar, fazendo-o com extrema precisão, como se a grade devesse ser encaixada numa ranhura do piso. Convencido de que a madeira queimava bem — satisfeito por ter acendido o fogo sem pôr em risco a construção de duzentos anos ou seus habitantes —, ele estava finalmente pronto para juntar-se a mim. Com mãos quase femininas na celeridade e delicadeza de seus movimentos, puxou o vinco de cada perna das calças e sentou-se. Movia-se com leveza notável para alguém tão grande, tão corpulento.

“Como prefere ser chamado?”, indagou-me Emanuel Isidore Lonoff. “Nathan, Nate ou Nat? Ou prefere alguma coisa totalmente diferente?” Os amigos e conhecidos o chamavam de Manny, informou-me, e era assim que eu deveria chamá-lo. “Desse modo a conversa flui com mais naturalidade.”

Disso eu duvidava seriamente, porém sorri para indicar que, por maior que fosse a vertigem que aquilo decerto me faria experimentar, eu obedeceria. O mestre então cuidou de me deixar ainda mais desconcertado, pedindo-me que falasse um pouco sobre a minha vida. Nem é preciso dizer que, em 1956, não havia muito que falar sobre a minha vida — certamente não para alguém, a meu ver, tão sábio e profundo. Eu tinha sido criado por pais corujas num bairro de Newark onde viviam famílias que não eram nem ricas nem pobres; tinha um irmão mais novo que, segundo diziam, me idolatrava; saíra-me, num bom colégio local e numa excelente faculdade, como várias gerações de antepassados meus esperavam que eu me sáisse; depois fizera o serviço militar a apenas uma hora de casa, redigindo folhetos informativos para um major do forte Dix, enquanto o massacre para o qual minha carcaça fora convocada era sangrentamente concluído na Coreia. Uma vez dispensado do Exército, passara a morar e escrever no quinto andar de um prediozinho sem elevador no sul de Manhattan, perto da Broadway, num apartamento que minha namorada caracterizou, no dia em que resolveu morar comigo e dar uma ajeitada no lugar, como o lar de um monge nada casto.

Para pagar minhas contas, atravessava o rio três vezes por semana, rumo a Nova Jersey, onde havia uma empresa para a qual eu trabalhava de tempos em tempos desde as minhas primeiras férias na faculdade, quando vira um anúncio prometendo comissões polpudas para vendedores agressivos. Às oito da manhã, nossa equipe de vendas era transportada para uma das inúmeras cidadezinhas fabris de Nova Jersey, onde nos púnhamos a vender assinaturas de revistas de porta em porta até as seis da tarde, quando então éramos apanhados, conforme o com-

binado, em frente a um botequim qualquer e levados de volta para o centro de Newark por nosso supervisor, um sujeito chamado McElroy. Esse McElroy era um janota imbecil que tinha um bigodinho fino e nunca se cansava de nos alertar — dois garotos certinhos, que economizavam tudo o que ganhavam para pagar os estudos, e três velhos mofinos, sempre pálidos e ofegantes, assolados por todo tipo de infortúnio que se possa imaginar — sobre os perigos de nos engraçarmos com as donas cheias de bobes na cabeça que encontrássemos sozinhas em casa: um marido enfezado podia quebrar nosso pescoço, a coisa toda podia ser armação de alguém que depois iria nos extorquir violentamente, e ainda corríamos o risco de pegar uma das cinquenta variedades leprosas de gonorreia — isso sem contar que o dia era muito curto. “Ou vão trepar”, advertia-nos com frieza, “ou vender assinaturas de *Silver Screen*. Decidam-se.” Nós, os dois universitários, nos referíamos a ele como “o Moisés do Deus-Dinheiro”. E, como nenhuma dona de casa jamais demonstrasse a menor intenção de me abrir a porta nem sequer para eu descansar os pés em seu vestíbulo — e eu estava permanentemente atento a qualquer indício de lascívia em qualquer mulher de qualquer idade que parecesse minimamente disposta a ouvir o que eu tinha para dizer através da porta de tela —, eu, por imposição das circunstâncias, optava pela perfeição no trabalho, não na vida, e, no final de cada longo dia de mascateagem, tinha de dez a vinte dólares para embolsar e um futuro ainda imaculado pela frente. Fazia apenas algumas semanas que renunciara àquela vida mundana — e à garota que morava comigo no prediozinho de cinco andares, que eu já não amava — e, com a ajuda do conceituado editor nova-iorquino, fora aceito pelos devotos da Colônia Quahsay para passar o inverno nesse retiro de artistas, situado do outro lado da fronteira estadual que cortava a montanha de Lonoff.

De Quahsay, enviara a Lonoff os periódicos literários em que haviam sido publicados os meus contos — quatro até então —, junto com uma carta falando da enorme importância que ele tivera para mim “alguns anos atrás”, quando eu ainda estava na faculdade e tomara conhecimento de sua obra. Ao mesmo tempo, contava como havia descoberto seus “parentes próximos”, Tchekhov e Gógol, e seguia em frente, dando a entender de várias outras maneiras inequívocas que eu era um sujeito seriamente dedicado à literatura — e, em consonância com isso, muito jovem. A verdade, porém, é que nunca tinha sofrido tanto para escrever uma coisa como sofri com aquela carta. Tudo o que era incontestavelmente verdadeiro parecia, tão logo ia para o papel, transparentemente falso, e,

quanto mais eu me esforçava para ser sincero, pior a coisa ficava. Acabei me dando por vencido e mandei a décima versão da carta; mas ainda tentei enfiar a mão na caixa do correio para ver se conseguia fisgar de volta o envelope.

Não estava me saindo muito melhor com minha autobiografia naquela sala de estar despojada e aconchegante. Como não conseguia proferir nem a mais inocente das obscenidades diante da lareira colonial de Lonoff, minha imitação do sr. McElroy — com a qual costumava arrancar gargalhadas dos amigos — não tinha mesmo muita graça. Tampouco me sentia capaz de mencionar toda a gama de advertências que McElroy fazia, assim como estava fora de cogitação revelar o quanto teria sido tentador para mim deixá-las todas de lado na primeira oportunidade — se a oportunidade houvesse aparecido. Quem quer que ouvisse aquela versão expurgada de uma historinha de vida já em si bastante insossa pensaria que, longe de ter recebido uma carta cordial e amável do famoso escritor convidando-me para passar algumas horas aprazíveis em sua casa, eu tinha ido até lá com o intuito de apresentar um pleito da mais absoluta urgência pessoal diante do mais rigoroso dos inquisidores, e que um único passo em falso representaria a perda, para todo o sempre, de algo de valor inestimável para mim.

O que, em certa medida, era a mais pura verdade, mesmo que eu ainda não tivesse plena consciência de quão desesperado estava para conquistar o reconhecimento daquele homem, nem compreendesse por que ansiava tanto isso. Em vez de me espantar com minha elocução acanhada, esbaforida — por extraordinário que isso fosse naqueles anos tão confiantes —, eu devia era me admirar de não estar de joelhos no tapete, suplicando a seus pés. Pois, veja, eu fora até lá para apresentar-me como candidato a nada menos que filho espiritual de E. I. Lonoff, para rogar por seu patrocínio moral e, se possível, granjear a proteção mágica de seu apoio e afeição. Claro que eu já tinha um pai que me amava, a quem podia pedir este mundo e o outro, porém meu pai era calista, não artista, e ultimamente andávamos tendo problemas sérios na família por causa de um conto que eu havia escrito. Minha narrativa deixara meu pai tão desnorteado que ele tinha ido atrás de seu mentor moral, um certo juiz Leopold Wapter, para pedir-lhe que o ajudasse a fazer o filho ver a luz da razão. Em virtude disso, após duas décadas mais ou menos ininterruptas de diálogo amistoso, fazia quase cinco semanas que não nos falávamos, e eu resolvera buscar sanção patriarcal em outras paragens.

E acabara indo atrás de um pai que, além de ser artista em vez de calista, era o mais célebre asceta literário da América, aquele gigante de paciência, for-

taleza de espírito e abnegação que, nos vinte e cinco anos transcorridos entre a publicação do primeiro livro de sua autoria e a do sexto (pelo qual fora agraciado com o National Book Award, prêmio que ele declinara sem fazer alarde), quase não tivera leitores nem fora reconhecido, sendo invariavelmente desprezado — quando e se mencionado — como um sobrevivente esdrúxulo dos guetos do Velho Mundo, um folclorista fora de sintonia e pateticamente alheio às principais tendências da literatura e da sociedade. Pouquíssima gente sabia quem era ele ou onde ele de fato vivia, e, por um quarto de século, praticamente ninguém procurou saber. Até entre seus leitores havia quem pensasse que as fantasias que E. I. Lonoff criava sobre os americanos tinham sido escritas em iídiche, em algum lugar da Rússia czarista, antes de ele, ao que parecia, ter morrido por lá mesmo (como, na realidade, seu pai quase morrera), em decorrência de ferimentos sofridos durante um *pogrom*. O que o tornava tão admirável para mim era não apenas a tenacidade com que ele, ao longo de todo aquele tempo, continuara a escrever seu gênero particular de narrativas curtas, como também o fato de que, uma vez “descoberto” e popularizado, Lonoff recusava todos os prêmios e honrarias, rejeitava convites para tornar-se sócio de instituições honorárias, não concedia entrevistas e não admitia ser fotografado, como se associar seu rosto a sua ficção fosse de uma irrelevância absolutamente ridícula.

A única foto que um ou outro leitor chegara a ver era o desbotado retrato em sépia que aparecera na orelha da edição de 1927 d’*O funeral é seu*: o belo e jovem artista com os líricos olhos amendoados, a proa escura de um topete de partir corações e o lábio inferior expressivo, que parecia convidar ao beijo. A figura que eu tinha diante de mim era tão diferente — não apenas devido à papada, à barriga e à careca circundada por uma faixa de cabelos brancos, mas como tipo humano no sentido mais amplo do termo — que pensei (depois de conseguir voltar a pensar) que a causa de tal metamorfose tinha de ser algo mais implacável que o tempo: só o próprio Lonoff teria sido capaz daquilo. Exceto pelas sobrançelhas bastas e lustrosas e pela inclinação vagamente empertigada do queixo, não havia de fato nada que pudesse identificá-lo, aos cinquenta e seis anos, com a foto do apaixonado, desamparado e tímido Valentino que, na década dominada pelos jovens Hemingway e Fitzgerald, escrevera um livro de contos sobre judeus errantes diferente de tudo o que havia sido escrito antes pelos judeus que tinham vindo errar na América.

Com efeito, minhas primeiras incursões no cânone de Lonoff — feitas na condição de ateu ortodoxo e aspirante a intelectual — haviam sido mais decisivas

para que eu me desse conta do quanto ainda era o rebento judeu de minha família do que todas as coisas que levava comigo para a Universidade de Chicago, fossem elas provenientes das aulas de hebraico na infância ou da cozinha de minha mãe ou das discussões que costumava ouvir entre meus pais e nossos parentes sobre os perigos do casamento com não judeus, a questão do Papai Noel e a injustiça do sistema de cotas adotado pelos cursos de medicina (sistema que, como eu desde cedo compreendera, tinha sido responsável pela carreira de calista de meu pai e por seu apoio incansável e fervoroso à Liga Antidifamação da B'nai B'rith). No primário eu já era capaz de debater essas questões intrincadas com quem quer que fosse (e sempre que instado o fazia); ao partir para Chicago, no entanto, a paixão se abrandara bastante, e eu estava tão pronto quanto qualquer outro adolescente para me deixar entusiasmar pelo curso de Humanidades I do professor Robert Hutchins. Então, em concomitância com dezenas de milhares de outros leitores, descobri E. I. Lonoff, cuja ficção me pareceu uma resposta ao mesmo fardo de exclusão e confinamento que ainda pesava sobre a vida daqueles que haviam me criado e que estava na origem da obsessão que tínhamos em casa pela condição dos judeus. O orgulho que meus pais sentiram em 1948 com o estabelecimento de uma pátria destinada a reunir na Palestina o que restara de judeus europeus não dizimados guardava, com efeito, alguma semelhança com o sentimento que aflorou em mim quando entrei pela primeira vez em contato com as almas frustradas, caladas e aprisionadas de Lonoff e me dei conta de que, com base em tudo o que havia de humilhante na existência da qual meu esforçado e aflito pai com muito custo nos tirara, uma literatura de espiritualidade e pungência tão austeras podia ser despudoradamente concebida. Para mim era como se as deformações alucinatórias de Gógol houvessem sido filtradas pelo ceticismo humano de Tchekhov para gerar o primeiro escritor “russo” do país. Ao menos era o que eu argumentava no ensaio que escrevi na faculdade, “analisando” o estilo de Lonoff, porém furtando-me a revelar a explicação dos sentimentos de afinidade que seus contos haviam feito renascer em mim, a súbita proximidade que tornei a sentir com nosso clã largamente americanizado, aqueles indivíduos que no começo não passavam de uns imigrantes desvalidos, pequenos comerciantes que viviam, a dez minutos de caminhada do centro financeiro de Newark, com suas colunatas e edifícios catedralescos, tal qual viviam em seus vilarejos no Leste europeu; e, ainda mais, sentimentos de afinidade com nossos desconhecidos e devotos antepassados, cujas atribulações na Galícia da Europa do Leste eu —

um rapaz criado em meio à segurança de Nova Jersey — até então considerava apenas ligeiramente menos remotas que as enfrentadas por Abraão na Terra de Canaã. Com sua sensibilidade vaudevillesca para o tom legendário e a visão panorâmica (um Chaplin, dizia eu de Lonoff em meu ensaio, sempre em busca do detalhe perfeito, capaz de dar vida a uma sociedade inteira e a seus horizontes); com seu inglês “traduzido” a emprestar um sabor levemente irônico mesmo à mais banal das expressões; com sua ressonância enigmática, muda, devaneadora, fazendo que aquelas narrativas tão breves parecessem dizer tanto — bem, eu proclamara, quem na literatura americana era como ele?

O protagonista típico das narrativas de Lonoff — o herói que em meados dos anos 50 viria a significar tanto para os americanos livrescos e que cerca de dez anos depois de Hitler parecia dizer algo de novo e excruciante aos gentios sobre os judeus e aos judeus sobre si próprios e aos leitores e escritores daquela década regenerativa sobre o problema mais genérico das ambiguidades da prudência e das ansiedades da desordem, sobre, em suas manifestações mais elementares, a fome de viver, as escolhas que a vida impõe, o pavor que é viver —, o protagonista de Lonoff no mais das vezes é um João-ninguém vindo sabe-se lá de onde, alguém que se encontra afastado de um lar onde sua ausência não é sentida mas para o qual ele deve sem demora regressar. A inconfundível mescla de compaixão e crueldade (imortalizada como “lonoviana” pela *Time* — que por décadas o ignorara totalmente) é ainda mais assombrosa nos contos em que o aturdido quietarrão, depois de empreender um esforço hercúleo para deixar a sensatez de lado, enfim descobre que sua prudência meticulosa o levou a esperar um pouco além da conta para ser capaz de ajudar a quem quer que seja, ou que, ao agir com impetuosidade audaz e atípica, equivocou-se por completo a respeito daquilo que conseguira manejar as coisas para arrancá-lo de sua existência manejável e, em virtude disso, só tornou tudo ainda pior.

Os contos mais sombrios, mais engraçados e mais perturbadores, nos quais o impiedoso autor me parece chegar à beira da autoempalação, foram escritos no curto período em que Lonoff desfrutou de sua glória literária (pois ele morreu em 1961, em decorrência de uma doença na medula; e, quando Oswald atirou em Kennedy e a fortaleza puritana deu lugar à gargantuesca república bananeira, sua ficção, e a autoridade que ela conferia a tudo o que há de proibitivo na vida, depressa perdeu “relevância” para a geração seguinte de leitores). Em vez de lhe proporcionar um novo alento, a notoriedade, pelo visto, fortaleceu as fantasias

mais austeras de Lonoff, corroborando para ele visões do comedimento mais extremo, que talvez houvessem parecido insuficientemente respaldadas por experiências pessoais caso o mundo houvesse lhe negado suas recompensas até o final. Apenas quando uma parcela diminuta do ambicionado galardão foi enfim posta à sua disposição — apenas quando ficou cristalina e clara que, para ele, possuir qualquer coisa além de sua arte, e aferrar-se a essa coisa, seria de uma impropriedade estonteante —, apenas então foi que lhe veio a inspiração para escrever aquele ciclo brilhante de parábolas cômicas (os contos “Desforra”, “Piolhos”, “Indiana”, “*Eppes essen*” e “Publicitário”), em que, apesar dos estímulos torturantes a que é submetido, o protagonista não toma absolutamente *nenhuma* atitude — o mais ínfimo anseio de amplidão ou autoentrega, para não falar de tramas ou aventuras, preemptoriamente aniquilado pelo triunvirato em exercício: o Bom Senso, a Responsabilidade e o Amor-Próprio, sempre prontamente assistidos por seus dedicados asseclas: o horário, a chuva, a dor de cabeça, o sinal de ocupado, o engarrafamento e, mais fiel impossível, a dúvida de última hora.

Por acaso eu vendia outras revistas além de *Photoplay* e *Silver Screen*? Usava a mesma conversa em todas as casas ou variava conforme a freguesa? Que explicação eu tinha para meu sucesso como vendedor? Na minha opinião, o que procuravam as pessoas que assinavam aquelas revistas insípidas? Era um trabalho maçante? Testemunhava acontecimentos incomuns enquanto vagava por bairros sobre os quais eu nada sabia? Quantas equipes de vendedores como a do sr. McElroy havia em Nova Jersey? Como a editora conseguia me pagar três dólares por assinatura vendida? Estivera alguma vez em Hackensack? Como era lá?

Custava crer que aquilo que eu só fazia para me sustentar enquanto não conseguia viver do jeito que ele vivia pudesse ser de algum interesse para E. I. Lonoff. Era um homem extremamente educado, claro, e estava se esforçando o máximo possível para me deixar à vontade, mas o fato é que, embora eu estivesse me dedicando de corpo e alma a seu interrogatório, também pensava que ele não tardaria a encontrar uma maneira de se livrar de mim antes do jantar.

“Quem me dera saber tantas coisas sobre a venda de revistas”, disse ele.

Para indicar que não me incomodava ser tratado com condescendência e que entenderia perfeitamente se dali a pouco ele me pedisse que fosse embora, enrubesci.